

GREER HENDRICKS
&
SARAH PEKKANEN

A garota anônima

*O lado mais cruel aparece quando
estamos nas sombras*

 FARO
EDITORIAL

GREER HENDRICKS
&
SARAH PEKKANEN

A garota anônima

TRADUÇÃO: FÁBIO ALBERTI



AN ANONYMOUS GIRL

COPYRIGHT © 2019 BY GREER HENDRICKS AND SARAH PEKKANEN

PUBLISHED BY ARRANGEMENT WITH ST. MARTIN'S PRESS.

ALL RIGHTS RESERVED.

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2021

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial: **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial: **CARLA SACRATO**

Preparação: **VALQUIRIA DELLA POZZA**

Revisão: **BÁRBARA PARENTE e ALUNOS DO CURSO REAL JOB REVISOR LABPUB: ANDRÉIA XAVIER DOS SANTOS, CAMILA KAHN, CRISTIANE AMARANTE, HELENA BOSCHI, JONATAS ELIAKIM, LUCIERE DE SOUZA, MARCIA ANUNCIÇÃO, MARIANA BARONI, MARINA PARRA E TAINÁ FRANÇA VERONA**

Capa: **OSMANE GARCIA FILHO**

Projeto gráfico e diagramação: **SAAVEDRA EDIÇÕES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Hendricks, Greer

A garota anônima / Greer Hendricks, Sarah Pekkanen; tradução de Fábio Alberti. — São Paulo: Faro Editorial, 2021.

368 p.

ISBN 978-65-86041-53-8

Título original: An anonymous girl

1. Ficção norte-americana I. Título II. Pekkanen, Sarah III. Alberti, Fábio

20-4015

CDD 813.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana 813.6



1ª edição brasileira: 2021

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06473-000

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR



PARTE 1

OPORTUNIDADE :

Procuramos mulheres de 18 a 32 anos para participar de um experimento sobre ética e moralidade. Compensação generosa. Anonimato garantido.

Entre em contato para mais detalhes.

É FÁCIL JULGAR AS OUTRAS PESSOAS PELAS SUAS ESCOLHAS. A mãe levando um carrinho de compras cheio de doces e gritando com o filho. O motorista de um conversível caro que força a ultrapassagem sobre um veículo mais lento. A mulher na cafeteria que não para de tagarelar no celular. O marido que trai a esposa.

Mas e se você soubesse que a mãe havia perdido o emprego justamente naquele dia?

E se você fosse informado de que o motorista havia prometido ao filho que iria vê-lo jogar na escola, mas foi obrigado a comparecer a uma reunião de negócios de última hora por insistência do chefe?

E se a mulher na cafeteria tivesse acabado de receber um telefonema do amor da sua vida, um homem que havia partido o seu coração?

E se a esposa do marido infiel não conseguisse nem suportar que ele a tocasse?

Talvez você também julgue de maneira precipitada uma mulher que, por dinheiro, decide revelar seus segredos mais íntimos a algum desconhecido. Mas deixe de lado as suposições, pelo menos por enquanto.

Existem razões por trás das ações de todos nós. Mesmo quando escondemos essas razões das pessoas que pensam que nos conhecem bem. Mesmo quando essas razões estão enterradas tão profundamente que nós não conseguimos reconhecê-las.

CAPÍTULO 1

SEXTA-FEIRA, 16 DE NOVEMBRO

MUITAS MULHERES QUEREM QUE O MUNDO AS VEJA COMO DIFERENTES. O meu trabalho é produzir transformações dentro do intervalo de quarenta e cinco minutos de cada atendimento.

As minhas clientes parecem diferentes quando chegamos ao final de uma sessão de maquiagem. Elas parecem mais confiantes, mais radiantes. Chegam até a se mostrar mais felizes.

Mas tudo o que eu posso oferecer é uma solução temporária. Não tem jeito, as pessoas voltam a ser o que eram antes, voltam a ser elas mesmas.

Para uma verdadeira mudança, as ferramentas que eu posso oferecer não bastam; é preciso mais do que isso.

É FIM DE TARDE DE SEXTA-FEIRA, E FALTAM VINTE MINUTOS PARA as seis. Horário de pico. Também é um momento em que as pessoas querem se tornar uma versão melhor de si mesmas.

Quando as portas do metrô se abrem na Astor Place, eu sou a primeira a sair e o meu braço direito está doendo, como sempre acontece depois que passo o dia inteiro carregando a minha maleta preta de maquiagem.

Mantenho-a atrás do meu corpo, para conseguir passar pelo espaço na catraca – é a quinta vez que passo pelas catracas hoje –, e então subo rapidamente as escadas.

Quando chego à rua, coloco a mão no bolso da minha jaqueta de couro e pego meu celular. Abro minha agenda, que é constantemente atualizada pela empresa que trabalho, a BeautyBuzz. Eu forneço os horários em que posso trabalhar, e eles enviam minha programação por mensagem.

Meu último compromisso de hoje fica próximo da estação *Eighth Street*. São duas clientes, o que significa sessão dupla – noventa minutos. Estou com o endereço, os nomes e o contato telefônico. Mas não faço ideia de quem estará me aguardando quando eu bater à porta.

Eu não tenho medo de estranhos. Aprendi que rostos conhecidos podem oferecer mais perigo.

Memorizo a localização exata e então desço a rua, desviando do lixo que caiu de uma lata cheia demais. Um lojista abaixa o portão da fachada da sua loja, e a barulhenta peça de metal chacoalha. Três estudantes universitários, com suas mochilas penduradas nos ombros, divertem-se dando pequenos empurrões uns nos outros enquanto passo por eles.

Estou a duas quadras do meu destino quando o meu celular toca. O identificador de chamada mostra que é a minha mãe.

Deixo tocar mais uma vez e olho para a pequena fotografia circular dela sorrindo.

“Vou vê-la daqui a cinco dias, no Dia de Ação de Graças, quando for visitá-los”, digo a mim mesma.

Mas não consigo ignorar a ligação.

A culpa é o maior peso que eu carrego.

— Oi, mamãe. Tudo bem? — pergunto.

— Tudo bem, querida. Só liguei para saber como estão as coisas.

Eu posso imaginá-la na cozinha da casa de subúrbio na Filadélfia, onde eu cresci. Ela está mexendo o molho no fogão – eles comem cedo, e o cardápio das sextas-feiras é sempre carne assada e purê de batata – além da taça de vinho na mão, algo que ela se permite nos fins de semana.

Há uma cortina amarela cobrindo a janelinha sobre a pia e um pano de prato pendurado na porta do forno, com as palavras “Passe por cima e siga em frente” impressas sobre a imagem de um rolo de macarrão. O papel de parede com motivos florais está um pouco solto, e um amassado na parte de baixo da geladeira lembra o dia que meu pai acertou um pontapé nela depois de o time dele perder uma final.

O jantar já estará pronto quando o meu pai chegar em casa, de volta do seu trabalho como corretor de seguros. Minha mãe o receberá com um beijo rápido. Eles chamarão a minha irmã Becky para a mesa e a ajudarão a cortar a carne em seu prato.

— A Becky fechou o zíper da jaqueta esta manhã — minha mãe diz. — Sem a ajuda de ninguém.

Becky tem 22 anos, e é seis anos mais nova que eu.

— Isso é maravilhoso — eu digo.

Às vezes eu gostaria de morar mais perto dos meus pais para poder ajudá-los. Outras eu me envergonho de me sentir tão aliviada por não morar.

— Mãe, posso ligar para você depois? — eu continuo. — Estou a caminho de um compromisso de trabalho.

— Que bom! Foi contratada para outro espetáculo?

Eu hesito. A voz da minha mãe está mais animada agora.

Não posso contar a verdade, então começo a falar apressadamente:

— Sim, mas é só uma pequena produção. Provavelmente a mídia nem vai estar tão presente. Mas a maquiagem é muito elaborada, realmente incomum.

— Estou tão orgulhosa de você — minha mãe diz. — Mal posso esperar até a semana que vem para saber as novidades.

Tenho a impressão de que ela quer me dizer mais alguma coisa, mas, mesmo sem ter chegado ao meu destino, eu encerro a ligação.

— Mande um beijo pra Becky. Eu amo vocês.

AS MINHAS REGRAS PARA QUALQUER TRABALHO COMEÇAM ANTES mesmo que eu chego ao local do serviço.

Eu avalio as minhas clientes no momento em que as vejo – sobrancelhas que ficariam mais bonitas se fossem escurecidas, ou o nariz que poderia ser sombreado para parecer mais delicado –, mas sei que elas estão me avaliando também.

Regra número um: meu uniforme informal. Eu me visto de preto, o que elimina a necessidade de escolher e combinar uma nova roupa toda manhã. Além disso, transmite uma impressão sutil de autoridade. Escolho tecidos confortáveis, fáceis de lavar, e que pareçam tão limpos às sete da noite quanto estavam às sete da manhã.

Não há muita distância física quando se está maquiando alguém, por isso mantenho minhas unhas curtas, o hálito fresco e os cabelos presos numa trança. Eu nunca mudo esse padrão.

Passo álcool em gel nas mãos e coloco uma pastilha de menta na boca antes de tocar a campainha do apartamento 6D. Estou cinco minutos adiantada. É mais uma das minhas regras.

Subo de elevador até o sexto andar, e então sigo o som da música em volume alto – “Roar”, de Kate Perry – pelo corredor até chegar às minhas clientes. Uma está usando roupão de banho e a outra veste camiseta e short. Sinto no ar os cheiros que indicam o último tratamento de beleza delas – os produtos químicos usados para realçar as mechas loiras do cabelo da garota chamada Mandy e o esmalte de unhas secando nas mãos que Taylor está abanando no ar.

— Aonde vocês irão esta noite? — pergunto. Se for uma festa, provavelmente será algo mais ousado, já um jantar costuma ser algo mais sutil.

— Ao Lit — Taylor responde.

Não sei do que se trata, e isso fica evidente na minha expressão. Então a garota explica:

— É no Meatpacking District. Drake esteve lá na noite passada.

— Legal — eu digo.

Eu caminho entre os objetos espalhados pelo chão – um guarda-chuva, um suéter cinza amarrotado, uma mochila – e afasto para o lado o pacote de pipocas e latas de energético pela metade que estão na mesa de centro, abrindo espaço para minha maleta. Eu a destravo, e suas laterais se abrem, revelando bandejas e mais bandejas de maquiagem e pincéis.

— Que tipo de *look* vocês têm em mente?

Alguns maquiadores aceleram o trabalho, tentando encaixar o maior número possível de clientes num só dia. Eu prefiro abrir um pouco mais de tempo na minha agenda para fazer algumas perguntas. Só porque uma mulher deseja olhos esfumados e cores neutras nos lábios não significa que outra não esteja pensando em lábios bem vermelhos e apenas uma leve camada de rímel. Eu invisto nesses poucos minutos iniciais para ganhar tempo no fim do serviço.

Mas também confio em meus instintos e minha capacidade de observação. Quando essas garotas dizem que querem um visual sexy e com cabelo bagunçado, eu sei que a intenção delas na verdade é ficarem parecidas com a Gigi Hadid, que está na capa da revista jogada no sofá.

— Vocês vão se formar em quê? — pergunto.

— Comunicação. Nós temos interesse na área de relações públicas. — Mandy parece indiferente, como se eu fosse uma adulta chata perguntando-lhe o que gostaria de ser quando crescer.

— Parece interessante — comento, levando uma cadeira para debaixo da luz mais forte do lugar, diretamente sob o lustre do teto.

Começo com Taylor. Tenho quarenta e cinco minutos para criar a imagem que ela deseja ver refletida no espelho.

— A sua pele é incrível — digo. Mais uma regra: encontre uma característica que você possa elogiar em cada cliente. No caso de Taylor, isso não é difícil.

— Obrigada — a garota responde, sem tirar os olhos do celular. Ela começa a comentar em voz alta sobre as postagens do Instagram: “Alguém quer mesmo ver mais uma foto de *cupcakes*?”; “Jules e Brian estão tão apaixonados, que nojo”; “Pôr do sol inspirador, então tá... Ainda bem que a noite de sexta-feira está bombando na sua sacada”.

Enquanto eu trabalho, o bate-papo das garotas se mistura com o zumbido do secador de cabelo e com os ruídos do trânsito da cidade. Eu me concentro totalmente nas pinceladas de diferentes bases que apliquei no queixo de Taylor a fim de escolher a tonalidade perfeita para a pele dela, e misturo na mão os tons de cobre e areia que vão acender os pontos dourados em seus olhos.

Estou aplicando pó bronzeador nas bochechas da garota quando o celular dela toca.

Taylor para de teclar e pega o telefone.

— Número privado. Devo atender?

— Sim! — Mandy responde. — Pode ser o Justin.

Taylor franze o nariz.

— Mas quem é que atende o telefone numa sexta à noite? Ele pode deixar uma mensagem.

Alguns momentos depois, ela aperta o botão do viva-voz e a voz de um homem enche a sala:

— *Aqui é Ben Quick, assistente do Grupo de Pesquisa Shields. Estou confirmando a sua entrevista deste fim de semana para amanhã e domingo, das oito às dez da manhã. O endereço é o mesmo: Hunter Hall, sala 214. Encontro você no saguão e a acompanho até a sala.*

Taylor revira os olhos e eu afasto o meu aplicador de rímel.

— Pode manter o seu rosto imóvel, por favor? — eu peço.

— Perdão. Onde é que eu estava com a cabeça, Mandy? Vou estar acabada demais para conseguir acordar amanhã cedo.

— Dê o cano e pronto.

— Tá. Mas são 500 dólares. Dá pra comprar uns suéteres bem legais.

Essas palavras quebram a minha concentração; eu preciso fazer dez atendimentos para ganhar 500 dólares.

— Aff. Pode esquecer. Eu é que não vou acordar cedo para ir responder a uma droga de questionário — Taylor diz.

Deve ser legal, eu penso, olhando para o suéter amarrotado num canto. E, quando me dou conta, já estou perguntando:

— Um questionário?

Taylor dá de ombros.

— Um desses professores de psicologia precisa de estudantes para uma pesquisa.

Fico curiosa para saber quais perguntas são feitas nessa pesquisa. Talvez seja parecida com um teste de personalidade.

Eu dou um passo para trás e examino o rosto de Taylor. Ela tem uma beleza clássica, com uma estrutura óssea invejável. Essa garota não precisa de quarenta e cinco minutos de tratamento.

— Já que você vai ficar fora até tarde, vou delinear os seus lábios antes de aplicar *gloss* — eu digo. — Dessa maneira a cor vai durar.

Pego o meu *gloss* favorito, com o logo da BeautyBuzz no tubo, e o deslizo sobre os lábios cheios de Taylor. Depois que termino, ela se levanta para conferir o resultado no espelho do banheiro, seguida por Mandy.

— Uau! — escuto a Taylor dizer. — Ela é boa mesmo. Vamos fazer uma *selfie*.

— Primeiro a minha maquiagem!

Eu começo a guardar os cosméticos que usei em Taylor e avalio o que vou precisar para Mandy quando percebo que Taylor deixou o celular dela na cadeira.

A *minha* diversão na noite de sexta-feira vai se resumir a dar um passeio com Leo, meu terrier mestiço, e limpar a maquiagem dos meus pincéis – depois de cruzar a cidade de ônibus até a minha pequena

quintete no Lower East Side. Estarei tão cansada que provavelmente vou cair na cama antes que Taylor e Mandy peçam o primeiro coquetel no bar.

Eu olho novamente para o celular na cadeira.

Então desvio o olhar para a porta do banheiro. Está parcialmente fechada.

Posso apostar que Taylor não vai nem se dar ao trabalho de telefonar para cancelar a entrevista.

— Eu preciso comprar o iluminador que ela usou — Taylor diz
Quinhentos dólares seriam uma grande ajuda para a minha conta bancária este mês.

Minha agenda já está acertada para amanhã. Não tenho nenhum atendimento marcado para antes do meio-dia.

— Vou querer um efeito dramático nos meus olhos — Mandy diz. — Vou perguntar se ela tem cílios postiços.

Hunter Hall, das oito às dez da manhã – dessa parte eu me lembro. Mas quais eram mesmo os nomes do médico e do seu assistente?

Tudo acontece muito rápido. Em um instante estou olhando para o celular, e no instante seguinte ele está na minha mão. Nem faz um minuto que a garota deixou o celular, e o bloqueio de tela ainda não foi acionado. Ainda assim eu preciso olhar para baixo a fim de navegar até a tela da mensagem de voz, o que me obriga a tirar os olhos da porta do banheiro.

Toco na tela para ouvir a mensagem mais recente, e então aperto o celular contra o meu ouvido.

A porta do banheiro se move, e Mandy faz menção de sair de lá. Eu giro o corpo, sentindo o meu coração bater forte. Não vou conseguir recolocar o aparelho no lugar sem que ela veja.

Ben Quick.

Não vou deixar que o pânico tome conta de mim. Posso fingir que o celular caiu da cadeira, e digo a Mandy que acabei de pegá-lo.

— Espere, Mand!

Assistente do Grupo de Pesquisa Shields... das oito às dez da manhã...

— E se eu pedisse a ela uma cor mais escura para os lábios? — Taylor pergunta a Mandy.

“Vamos lá”, eu penso, torcendo para que a mensagem termine rápido.

Hunter Hall, sala 214.

— Fale com ela — Mandy responde.

Encontro você no sag...

Desligo o telefone e o solto novamente sobre a cadeira no instante em que Taylor sai do banheiro e dá o primeiro passo na direção da sala.

Como será que ela havia deixado o aparelho? Com a tela para cima ou para baixo? Mas não há mais tempo para tentar me lembrar disso: Taylor está perto de mim.

Ela olha para o celular, e eu sinto um frio na barriga. Agora estou encrocada. Acabo de me lembrar que a garota tinha deixado o celular na cadeira com a tela virada para baixo. E eu o coloquei ao contrário.

Engulo em seco e tento pensar em uma desculpa.

— Ei — ela diz.

Levanto os olhos devagar para encará-la.

— Adorei. Mas você pode tentar um tom mais escuro de *gloss*?

Aliviada, eu solto o ar lentamente, sentindo a tensão diminuir.

Refaço os lábios dela mais duas vezes – primeiro aplicando uma cor arroxeadada, depois retornando à tonalidade original, firmando o tempo todo o meu cotovelo direito com a mão esquerda para que os meus dedos trêmulos não arruinem as linhas – e quando enfim termino, me dou conta de que os meus batimentos cardíacos haviam voltado ao normal.

Quando saio do apartamento e elas se despedem com um obrigada indiferente e nenhuma gorjeta, minha decisão está confirmada.

Programo o alarme do meu celular para 7h15.

Sábado, 17 de novembro

Na manhã seguinte, repasso o meu plano com cuidado. Às vezes, uma decisão tomada por impulso pode mudar o curso da sua vida.

Não quero que isso aconteça novamente.

Espero do lado de fora do Hunter Hall. É uma manhã nublada, e o ar está denso. Vejo uma jovem correndo na minha direção e por um momento a confundo com Taylor; mas é apenas uma garota praticando corrida. Às 8h05 – ou seja, cinco minutos depois do horário marcado – não há nem sinal de Taylor, que provavelmente ainda está dormindo. Então eu entro no saguão do prédio, onde um cara usando calça cáqui e camisa azul com botões está consultando o relógio.

— Perdão pelo atraso! — Eu me aproximo dele.

— Taylor? — ele pergunta. — Eu sou Ben Quick.

Foi uma aposta certa supor que Taylor não ligaria para cancelar o compromisso.

— A Taylor está doente, por isso me pediu para vir e responder ao questionário no lugar dela. Meu nome é Jessica. Jessica Farris.

— Ah, é? — Ben hesita. Ele me olha de cima a baixo, me examinando.

Eu saí de casa usando tênis de cano alto e com uma mochila pendurada no ombro. Imaginei que não seria má ideia ficar parecida com uma estudante.

— Pode me dar um segundo? — ele diz finalmente. — Preciso checar se podemos fazer isso.

— Claro — respondo, tentando imitar o tom ligeiramente entediado que Taylor usou na noite passada.

Lembro a mim mesma de que o pior que pode acontecer é ser informada de que não posso participar. Se não puder, paciência; compro um café e levo Leo para um longo passeio.

Ben se afasta um pouco e pega o celular. Tento ouvir o que ele está dizendo, mas sua voz é muito baixa.

Em um dado momento, ele caminha até mim.

— Quantos anos você tem?

— Vinte e oito — respondo, e é verdade.

Espio na direção da entrada para me certificar de que Taylor não vai dar as caras no último minuto.

— Você mora atualmente em Nova York? — Ben pergunta.

Faço que sim com a cabeça.

Ben ainda tem mais duas perguntas para mim.

— Em que outro lugar você viveu? Viveu em algum lugar fora dos Estados Unidos?

Balanço a cabeça numa negativa.

— Só morei na Pensilvânia. Foi onde cresci.

— Tudo certo — Ben diz, guardando o celular. — Você está autorizada a participar do estudo. Para começar, preciso que me informe o seu nome completo e endereço. Posso ver algum documento de identificação?

ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR

Há um grande número de portadores do vírus
HIV e de hepatite que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e
hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!

CAMPANHA



FARO  EDITORIAL

ESTE LIVRO FOI IMPRESSO
EM JANEIRO DE 2021